

A INTERNET COMO MEIO ELETRÔNICO DE COMUNICAÇÃO

THE INTERNET AS AN ELECTRONIC MEANS OF COMMUNICATION

*Fábia Magali Santos Vieira**

RESUMO: Para Perriault, apud BELLONI (2001:6), “é urgente atualizar a tecnologia educacional porque uma nova “autodaxia” importante está se desenvolvendo há vários anos nos jovens por meio da mídia”. Assim, o objetivo deste texto é ampliar a discussão de como funciona a Internet, como meio eletrônico de comunicação, para melhor adequá-la ao processo ensino-aprendizagem e atingir os fins da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia, Internet, Tecnologias da Informação e Comunicação

ABSTRACT: According to Perriault, apud BELLONI (2001:6), it is urgent to update the educational technology due to a new and important “autodaxia” which has been developed for several years among young people through the media. Then the objective of this text is to enlarge the discussion about how the Internet, as an electronic means of communication, works, to better adequate it to the teaching and learning process and to achieve the education aims.

KEY-WORDS: Media, Internet, Communication and Information Technology

1- INTRODUÇÃO:

A sociedade está mudando suas formas de organizar, produzir, comercializar, comunicar e divertir. Estamos vivendo o desmanche da hegemonia do livro didático, como principal fonte de conhecimento e entrando no mundo veloz da programação audiovisual. Nesta perspectiva, BABIN, adverte que

* Mestre em Ciência da Educação pelo ISPHJV, Havana/ Cuba; Mestranda em Tecnologia na Educação, FE/UnB; Professora de Informática na Educação e Coordenadora do Projeto Unimontes Virtual, da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. *e-mail:* fmagali@uol.com.br

(...) não é apenas a descrição do mundo que está mudando, mas também a forma de ler esta descrição. Existe um “novo modo de compreender”. Uma nova inteligência está sendo gestada[...]; O problema reside, em parte, na forma de expressão que vem se firmando como “linguagem audiovisual”, cujas características essenciais são: a mixagem, a relação figura e fundo (Teoria da Gestalt), a composição por flashing e a disposição por “razão de ser”. (BABIN apud SOARES,1996: 37)

SOARES (1996:38) afirma ainda que respiramos uma nova cultura que tem diminuído cada vez mais nossa capacidade de concentração. As possíveis razões seriam: em função da engrenagem da vida moderna, dormimos pouco; sob a influência dos meios de comunicação audiovisuais, fragmentamos nossa percepção e o excesso de informações a que estamos expostos não nos possibilita articular e integrar essas informações às nossas experiências.

As características da linguagem audiovisual também têm contribuído para essa nova forma de ver e compreender o mundo. A **mixagem**, uma propriedade típica dos meios de comunicação que une som, palavra e imagem, cria uma experiência global unificada ao considerar que a mensagem perfeita é a que se dirige ao ser integral. Para a **relação figura e fundo**, o sentido e a eficácia de uma mensagem dependem de uma relação de diferença e de distância ideal entre o fundo e a figura, entre o texto e o contexto. O sentido está no efeito que essas distâncias produzem em espectadores. E, por fim, a linguagem audiovisual não é linear, é hipertextual, apresenta-se por *flashes*, mostrando sucessivas facetas que se apresentam sem uma ordem cronológica.

Assim, a leitura, interpretação e compreensão do mundo, através da linguagem audiovisual, levam a uma percepção multidimensional, isto é, as respostas tendem a ser globais, sensório-motoras e emotivas. A linguagem audiovisual possibilita a diminuição da polissemia, “acrescentando calor à comunicação: o espectador investe menos esforço, mas o meio ‘prende mais’ ”. (SOARES,1996:39).

Essa nova realidade coloca alguns desafios à educação. As tecnologias da informação e comunicação (TIC) cada vez mais têm abusado dessa linguagem audiovisual para prender seus espectadores e usuários. Assim, torna-se necessário refletir sobre os efeitos dela nos aprendizes e as implicações da utilização dessas tecnologias no processo ensino-aprendizagem.

Portanto, o objetivo deste artigo é ampliar a discussão de como funciona a Internet, como meio eletrônico de comunicação, para melhor adequá-la ao processo ensino-aprendizagem e atingir os fins da educação.

2- MÍDIA E EDUCAÇÃO

A revolução tecnológica, que tem alterado nossa forma de estar no mundo, surgiu por volta de 2.700 anos depois da invenção do alfabeto e trata da integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa que, pela primeira vez na história, integra, no mesmo sistema, as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. A integração entre textos, imagens e sons no mesmo tempo e espaço, em condições abertas e de baixo custo, muda consideravelmente a comunicação e, conseqüentemente, a cultura.

Segundo CASTELLS (1999:353), a difusão da televisão, após a 2ª Guerra Mundial, alterou a estrutura e organização dos meios de comunicação que foram adaptados para atender às audiências televisivas. O sistema dominado pela televisão, por enviar uma mensagem similar de alguns emissores para uma audiência de milhões de receptores, ao mesmo tempo, constituiu-se em um meio de comunicação de massa.

Vivemos em um ambiente de mídia, a maior parte de nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação. Somos fundamentalmente informados pelos meios de comunicação, sendo a televisão o principal deles e, agora, também, a Internet.

Para CASTELLS (1999:362), “a mídia é a expressão de nossa cultura e nossa cultura funciona principalmente por intermédio dos materiais propiciados pela mídia”. Enquanto o processo de comunicação se efetiva através da interação emissor/receptor para interpretação da mensagem, a televisão, como um grande meio de comunicação, caracteriza-se por ser um sistema de mão-única, que não possibilita a interação.

Apesar da audiência maciça, a televisão tem determinado uma audiência segmentada e diferenciada, uma vez que a mesma não é um objeto passivo e não é recebida por todos os telespectadores da mesma forma e ao mesmo tempo. Os estudos de Youichi, citado por CASTELLS (1999:364), demonstram que existe uma evolução de uma sociedade em massa para uma sociedade segmentada, resultante das novas tecnologias de comunicação que

enfocam a informação especializada, diversificada, tornando a audiência cada vez mais segmentada por ideologias, valores, gostos e estilos de vida.

Com a chegada do computador e, principalmente, com o avanço da Internet, a audiência pôde se libertar e se manifestar. A tecnologia digital permitiu, além da compactação e transmissão de todos os tipos de mensagens, inclusive sons, imagens e dados, formando uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos para qualquer parte do mundo que tenha acesso a uma linha telefônica, a possibilidade de o usuário “navegar por mares nunca antes navegados” através do hipertexto.

Tais avanços têm alterado também as formas de aprender e ensinar em todas as sociedades. Diante dessas perspectivas, é importante compreender, como educadores, como os sujeitos se apropriam das novas tecnologias educacionais que o avanço tecnológico vem colocando à nossa disposição, e como as instituições escolares, principalmente aquelas que se dedicam à educação virtual, vão se apropriando destes instrumentos e integrando-os a suas práticas.

Do ponto de vista educacional, por muito tempo, a televisão foi julgada e condenada pelos malefícios que traria às novas gerações; seu caráter anti-educativo foi cantado, em “prosa e versos”, por milhões de educadores nestas últimas décadas. Acusada de ser a culpada por muitos males que afligem a sociedade, desde crimes violentos ao desinteresse pelos estudos, foram propostas como punição: a censura, o seu desligamento e até tirá-la do ar.

Neste momento, assistimos à reprodução do mesmo discurso em relação às tecnologias digitais, principalmente a Internet. Educadores das diferentes partes do mundo não cansam de apontar os perigos da influência destas tecnologias sobre crianças, jovens e adultos – os argumentos vão desde homogeneização do pensamento, passando pelo isolamento, até a exclusão social.

Em função do redimensionamento do modelo de educação centrado não mais na transmissão de conhecimentos, mas na construção que se dá através da interação entre professores/aprendizes e aprendizes/aprendizes, em qualquer tempo e espaço, verificamos o crescimento da demanda, em todo mundo, por uma educação continuada à distância, mediada pelas tecnologias digitais, principalmente pela Internet.

Assim, torna-se importante ampliar a discussão de como funciona esta tecnologia para melhor adequá-la ao processo ensino-aprendizagem e atingir os fins da educação - “formar cidadão competente para a vida em sociedade, o que inclui a apropriação crítica e criativa de todos os recursos técnicos à disposição desta sociedade” (BELLONI, 2001:6).

A Internet possibilita, além de novas formas de comunicação e acesso à informação, novos meios de coordenar as interações no universo virtual de conhecimentos. O espaço virtual pode tornar-se o espaço móvel de interações democráticas entre sujeitos e conhecimentos, criando uma verdadeira comunidade virtual de colaboração e aprendizado, onde os participantes podem dialogar, consultar, tomar decisões colegiadas, participar de planejamentos, intervir, estabelecer múltiplas conexões na relação homem-homem e homem-máquina, possibilitando a construção de novos consensos e o agir-interferir na realidade.

Se por um lado ela oferece benefícios, por outro lado, o fascínio que a mesma exerce sobre as pessoas pode levar a situações de dependência, na medida em que as pessoas se desligam facilmente da realidade física e sócio-afetiva circundante para se ligarem em alguma dessas realidades virtuais, propiciadas por essa tecnologia.

McLuhan, citado por BELLONI (2001), afirmou, há 40 anos, que o meio tecnológico não é neutro, pois ao transmitir a mensagem, transmite também algo mais que lhe é inerente e que age sobre o conteúdo, transformando-o. BELLONI (2001: 6) chama este algo mais transmitido pelos meios tecnológicos de “linguagens das mídias eletrônicas”.

A Internet, como um meio eletrônico, proporciona aos jovens valores e saberes. Para que ela possa estabelecer relações entre seus usuários, a cultura deve ser analisada e estudada de forma crítica. CARNEIRO (2000:19) sugere que a relação **televisão e educação** deve ser analisada nas três perspectivas: educação para o uso seletivo da TV, educação com a TV e educação pela TV:

O objetivo da educação para o consumo seletivo e crítico da TV é desenvolver a competência dos alunos para analisar e fazer leitura crítica e criativa de programas de televisão a partir do conhecimento das linguagens, das condições de produção e de recepção. Na educação com a televisão utilizam-se programas (ou trechos de programas) como estratégia pedagógica para motivar aprendizados, suscitar

interesses, problematizar conteúdos, informar. Educar pela televisão significa comprometer emissoras com a formação de jovens, com a oferta de mais e melhores programas para o público infanto-juvenil. (CARNEIRO, 2000:19)

O mesmo princípio pode ser aplicado em relação à Internet e à educação com o objetivo de integrá-los, de modo criativo, inteligente para desenvolver a autonomia e a competência do estudante e do educador, como “usuários” e criadores destas tecnologias e não como meros receptores de informações.

A escola deve contribuir para que os aprendizes se tornem usuários críticos e criativos desta tecnologia digital e não meros consumidores da mesma, selecionando, entre as informações veiculadas, aquelas que atendem a seus interesses e necessidades. Para tanto, deve proporcionar condições para que os aprendizes possam fazer uma leitura crítica desta tecnologia a partir do conhecimento de sua linguagem, das condições de produção e recepção.

A integração da Internet à educação, como eixo pedagógico central, pode ser uma valiosa estratégia, desde que essa integração considere que essa tecnologia é uma ferramenta pedagógica extremamente rica e proveitosa para a melhoria e expansão do processo ensino-aprendizagem. Para isso acontecer, a Internet deve estar nas mãos dos professores e dos alunos, a serviço da construção do conhecimento.

MACHADO, citado por CARNEIRO (2000:27), defende que nem a televisão ou qualquer outro meio está predestinada a ser qualquer outra coisa fixa; ela será aquilo que nós fizermos dela. Partindo do pressuposto de que o usuário é um sujeito ativo, que interpreta a mensagem, dando-lhe significado de acordo com sua visão de mundo, suas experiências, valores, e que ele pertence a um contexto sociocultural específico, a recepção e a decodificação das mensagens não ocorrem de uma maneira passiva, uma vez que os mesmos estabelecem uma relação entre as mensagens e suas experiências prévias.

Cada vez mais, jovens, adultos e crianças têm permanecido mais tempo diante do computador do que na própria escola, sendo informados, comunicando com outras pessoas, pesquisando, estabelecendo relações. Compete aos professores estarem atentos no sentido de utilizar esta tecnologia como um verdadeiro recurso didático e de ajudar os aprendizes a estabelecerem critérios e formar juízos diante da mesma. Nessa perspectiva, a escola deve

ser um espaço de mediação entre a Internet e seus aprendizes. Para tanto, ao utilizá-la como recurso didático, deve também propiciar uma leitura atenta e o estudo cuidadoso das mensagens veiculadas na mesma, como forma de conquistar e reafirmar a autonomia dos aprendizes.

A escola, os professores, os aprendizes devem apropriar-se das tecnologias da informação e comunicação, como consumidores críticos e produtores de informações. Produtor de informação

ultrapassa saber ler, interpretar e utilizar textos audiovisuais, mas expressar-se por meio dessa linguagem, produzir mensagens audiovisuais. Produzindo mensagens audiovisuais a criança aprende a ler criticamente a mídia. (CARNEIRO, 2000:68).

Para que a escola possa assumir algumas estratégias e ser capaz de fazer o uso criativo e crítico dos meios de comunicação e das tecnologias da informática, BARBERO aponta algumas questões:

Primeiro, transformação do modelo (e sua práxis) de comunicação centralizado, linear para um modelo descentralizado hipertextual; segundo, potencializar a figura e ofício do educador, que deverá deixar de ser um mero transmissor de conhecimento para converter-se em formulador de problemas, provocador de questionamentos, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, ao invés de aferrar-se ao passado, destaca e possibilita o diálogo entre culturas e gerações (BARBERO, 1999:19).

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Internet, como um meio de comunicação eletrônico, tem alterado nossa sociedade e nossa cultura e, por isto, faz-se necessário compreendê-la para melhor utilizá-la como recurso de transformação da realidade. Isto posto, é necessário que os educadores, além de adquirirem conhecimentos do potencial pedagógico deste meio eletrônico, redimensionem o processo comunicacional nos espaços educativos, buscando a superação da transmissão, fazendo surgir o fenômeno da interatividade no meio de uma série de transformações sociais, onde pode ser observada a substituição da passividade da recepção diante da emissão do produto acabado, para uma crescente autonomia de busca, onde o indivíduo

procura estabelecer um diálogo entre produtor e receptor, num ambiente polifônico e polissêmico.

Esse é o nosso grande desafio!

Referências bibliográficas

BARBERO, Jesus M. Novos Regimes de Visualidades e Descentralizações Culturais. In: _____. *Mediatamente! Televisão, Cultura e Educação*. SEES/MEC. Brasília: 1999.

BELLONI, Maria Luíza. *O que é Mídia - Educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. Televisão/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções. In: _____. *TV na escola e os Desafios de Hoje – Curso de Extensão – Módulo 2 – SEED/MEC e Unirede*. Brasília:2000.

CASTELLS, Manuel. A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In: _____. *A Sociedade em Rede – Tradução Roneide Venâncio Majer*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da Informação ou da Comunicação*. São Paulo: Cidade Nova, 1996.